



Sting: "É claro"!

Alexandre Ribondi

Há coisa de duas semanas, o jornal francês *Libération* publicou uma entrevista com o inglês Sting que é mesmo um primor de exemplo do quiproquó que existe no momento, em terras européias, sobre estas questões alucinantes como os índios brasileiros e a floresta Amazônica. E não se pode esquecer que é justamente este jornal — conhecido por seus leitores pelo apelido mais ou menos íntimo de *Libé* — que representa o pensamento médio dos franceses que foram para as ruas em maio de 1968 e que sabem, com perfeita consciência da coisa, que a França é o escaudouro de todas as idéias, de todas as criações e de todas as artes. Paris é uma esponja arreganhada para o mundo e, lá, discute-se tudo.

Sting foi escorraçado pelo jornal e deve estar arrependido, à morte, de ter dado a entrevista. Virou chacota. Já no título está lá: Para quem quiser ver: "Ingenuidade e folclore rimam com Amazônia". Se não é verdade que rimam mesmo, literalmente falando, soam parecidas quando se fala das intenções — e o inferno está cheio delas. Os dois repórteres (que devem ser irmãos, porque assinaram François e Max Armanet) explicam: "Mesmo que a campanha pela salvação da floresta e de suas tribos seja legítima, o rousseauismo otimista de Sting e de Dutilleul pode levar a confusões". Daí começam a entrevista logo com a pergunta: "A constituição de uma reserva evita o genocídio, mas não comporta o perigo do gueto?". Boa pergunta. Criar reservas, por mais necessárias que elas pareçam ser, sempre vão se as-

semelhar às humilhantes lojinhas de venda de produtos artesanais de raças em extinção.

Não é mais a questão de se criarem reservas — é preciso começar a se falar em nações. E preciso saber que este País, imenso e estúpido, tem 151 idiomas diferentes e que apenas um deles, o português, é oficial e imperativo. Os brasileiros, à exata semelhança dos índios, não precisam mais de um conglomerado de interesseiros, falsos emissários, latifundiários, destruidores de floresta e de ladrões de ouro. Precisam de uma nação. E em uma nação, indígena ou brasileira, ninguém tem o direito de entrar e tomar posse.

Sting não acredita que o contato dos índios com a civilização branca seja irremediável parece acreditar no mito do bom selvagem e afirma, com um "É claro" bem explosivo, que todos os índios brasileiros concordam com sua campanha. E mais ou menos mentira isto, porque há também muitos indígenas que sabem que o contato com a sociedade brasileira de ascendência européia é inevitável e satisfatório, desde que feito em condições de igualdade. Mas igualdade é mesmo uma espécie de sonho que todos nós queremos no Brasil e que jamais conseguiremos.

Pelo que se deduz da entrevista, Sting admira Marlon Brando que, em 1973, mandou em seu lugar, para a festa do Oscar, a índia Sacheen Pena Pequena, que meteu o pau na política racista norte-americana. E o próprio Sting admitiu que, ao encontrar-se com o pajé Tacuma, na penumbra de uma oca, sentiu-se como Marlon Brando e Martin Sheen em *Apocalypse Now*. São imagens, sem dúvida, interessantes.

Mas não se pode esquecer que o

Libération é também lido por estes cidadãos franceses por volta dos 40 anos, profissionais liberais, mais ou menos intelectualizados, e mais ou menos classe média típica, que vêm ao Brasil adotar crianças e as levam de volta para o seu país natal. Eles acreditam piamente que estão fazendo o melhor que podem e que, sem este gesto, o Brasil ficaria pior. Em um voo da Air France, na rota Rio-Recife-Paris, dos cerca de 500 passageiros a bordo, quatro levavam brasileiros adotados — que saem da miséria absoluta dos sertões nordestinos para o possível conforto europeu.

Por mais que se pense nesta sorte grande conseguida pelos meninos que choravam aos berros dentro do avião (principalmente porque não conseguiam se comunicar com os novos pais, em uma espécie de alegoria da agressão dos confrontos culturais feitos à base da porrada), também não se pode deixar de pensar na humilhação e na vergonha que isto acarreta.

Alguns europeus, carregados de boas intenções (novamente: o inferno está cheio delas) estão participando de uma campanha para comprar, cada um, um pequeno pedaço das florestas úmidas da Costa Rica e, assim, acreditam que evitam o problema do desmatamento. Estes incidentes vão trazer uma marca de vergonha em nós que nem mesmo um banho pelos próximos 200 anos conseguirá tirar de nossas peles. É como a música que agora canta a quase ninfeta Marisa Monte: "Bem que se quis, depois de tudo, ainda ser feliz". Que me desculpem os otimistas ou os relativamente desinteressados das questões sociais, mas por enquanto do jeito que está, não dá nem mesmo para sorrir. Nos próximos 200 anos, talvez.